



SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE ATUANTES NA UTI-COVID

Carolina Sinegallia¹, Amanda Torrezan de Almeida², Rute Grossi Milani³, Mirian Ueda Yamaguchi⁴

¹Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Cesumar – UNICESUMAR, Campus Maringá-PR. Bolsista PIBIC-MED/ICETI- UniCesumar. carol.sinegallia@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Medicina, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Campus Maringá-PR. amanda.torrezan@hotmail.com

³Coorientadora, Doutora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Pesquisadora, Bolsista Produtividade do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação - ICETI. rute.milani@unicesumar.edu.br

⁴Orientadora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Pesquisadora, Bolsista Produtividade do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. mirianueda@gmail.com

RESUMO

Os profissionais da saúde atuantes nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) estão expostos a adversidades que exigem muito de seu psicológico e que, com a pandemia da COVID-19 foi somada à cargas de trabalho aumentadas que levaram ao seu esgotamento físico e também mental. O trabalho prolongado aplicado a um profissional que não se adapta à exigência imposta, torna o mesmo suscetível a desenvolver a Síndrome de Burnout em resposta ao estresse laboral. A partir dessa premissa, o estudo objetivou observar o desenvolvimento ou não da síndrome de Burnout e relacionar o surgimento da mesma com a capacidade desenvolvida ou não pelos profissionais, de lidarem com o estresse ao qual foram expostos. Para isso, os profissionais da saúde atuantes na UTI durante a pandemia do vírus Sars-Cov-2 foram convidados a responder, de maneira remota, um formulário contendo uma avaliação sociodemográfica e também, o Oldenburg Burnout Inventory (OLBI). Os resultados obtidos confirmaram o que já suspeitávamos: a maior parte dos entrevistados apresentaram Burnout, o que reflete a ameaça ao bem-estar psicológico ao qual esses profissionais estão suscetíveis e que, se os mesmos não manejarem o estresse, darão início a um processo de adoecimento e desenvolvimento da síndrome de esgotamento mental.

PALAVRAS-CHAVE: Esgotamento profissional; Esgotamento psicológico; Infecções por coronavírus; Unidades de Terapia intensiva.

1 INTRODUÇÃO

Os agentes estressores, onipresentes na vida humana, não são necessariamente patológicos, visto que os mesmos podem, de acordo com Antonovsky, serem manejados pelo indivíduo quando o mesmo é exposto a situações estressantes. (MAZZA, 2015).

Nesse contexto, as unidades de terapia intensiva (UTI), historicamente consideradas um importante estressor para a equipe profissional, acabou por deixar, no cenário da COVID-19, os profissionais atuantes neste ambiente expostos a uma realidade que os deixou ainda mais suscetíveis e vulneráveis ao aumento da pressão psicológica, visto que houve não só aumento do grau de exigência, mas também da duração da jornada de trabalho. (NASCIMENTO SOBRINHO *et al.*, 2010).

Foi verificado o desenvolvimento, em outros estudos que, além do estresse crônico, os trabalhadores acabaram por desenvolver transtorno de ansiedade generalizada, acompanhada de exaustão física e mental devido não só ao cenário enfrentado, mas também o sentimento de impotência diante da complexidade e gravidade dos casos que a SARS-Cov-2 desencadeou não só aos pacientes, mas também às famílias deste e dos profissionais envolvidos. (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Como resultado dessas mudanças, os agravos mentais merecem destaque e, dentre eles, encontra-se a Síndrome de Burnout, a qual, em resposta ao estresse laboral, leva o profissional que



não possui uma boa estratégia de enfrentamento das pressões impostas pelo ambiente, acaba por alcançar o esgotamento profissional, o que no cenário da Covid-19 exigiu do trabalhador novas qualificações, exigências e competências para que o mesmo conseguisse enfrentar a pandemia (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Portanto, inquietou-nos saber: existiria a possibilidade dos profissionais da saúde atuantes na UTI durante a pandemia da Covid-19 desenvolverem síndrome de Burnout?

Dessa forma, a fim de desenvolver estratégias de promoção à saúde para estes profissionais, este estudo buscou analisar a relação do manejo do estresse e o desenvolvimento da síndrome de Burnout nos profissionais atuantes na UTI Covid.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Na tentativa de correlacionar a possível síndrome de Burnout desenvolvida pelos profissionais da saúde atuantes na UTI-covid com o manejo do estresse, o estudo escolhido foi o metodológico transversal quantitativo. Entre os profissionais de saúde participantes da pesquisa estão: médicos, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas, entre outros. A coleta de dados foi realizada por meio de formulário digital desenvolvido no Google forms e enviado ao público-alvo por meio de grupos de Facebook, e-mail e WhatsApp, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, questões do perfil sociodemográfico e a versão brasileira da escala de avaliação Olderburg Burnout Inventory (OLBI).

O OLBI é um instrumento para avaliação do Burnout. Apresenta em sua concepção original 13 questões com quatro pontos (discordo completamente, discordo, concordo, concordo completamente) e duas dimensões (exaustão e distanciamento). Escores médios $\geq 2,25$ na dimensão exaustão (EE) e $\geq 2,1$ na dimensão distanciamento (DT) serão considerados altos. A classificação dos indivíduos se dá conforme a seguinte associação: Sem burnout (EE baixo e DT baixo), com distanciamento (EE baixo e DT alto), com esgotamento (EE alto e DT baixo), com burnout (EE alto e DT alto) (SCHUSTER; DIAS, 2018).

Após a coleta de dados, foi realizada uma análise descritiva dos mesmos para obtenção de gráficos e tabelas que permitiram caracterizar os participantes. Por outro lado, com o intuito de verificar a possível relação das pontuações nos instrumentos utilizados, aplicou-se o teste não paramétrico de correlação por postos de Spearman (1904), que não faz nenhuma suposição sobre a distribuição dos dados e é apropriado para variáveis com escala ao menos ordinal. O coeficiente é uma medida da associação entre duas variáveis, que avalia o grau de correspondência entre posições em vez dos valores reais de variáveis.

Um escore R_X é atribuído a cada observação de X , referentes aos postos das observações de cada variável, caso ocorram empates o escore é dado pela média das ordens das observações repetidas. Do mesmo modo, um escore R_Y é atribuído a cada observação de Y . Seja n o número de observações e $d_i = R_{X_i} - R_{Y_i}$, a estatística r_s dada pela fórmula abaixo:

$$r_s = 1 - \frac{6 \sum_{i=1}^n d_i^2}{n(n^2 - 1)}$$

O coeficiente r_s varia no intervalo de (-1, 1). O sinal indica a direção da correlação, inversa (negativa) ou direta (positiva), enquanto o valor indica a força da correlação. Quanto mais próximo



o coeficiente estiver de -1 ou 1, mais forte é a correlação entre as variáveis. Por outro lado, se a correlação for igual a zero, não existe relação entre as variáveis em estudo.

Todas as análises foram realizadas com o auxílio do ambiente estatístico R (*R Development Core Team*, 2016), versão 3.6.2.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos 103 profissionais de saúde participantes da pesquisa, observou-se que mais de 60% são do gênero feminino. Quanto ao estado civil, nota-se que a maior parte estão solteiros (43,69%) e sem filhos (57,28%).

A justificativa para uma maior porcentagem ser composta por mulheres se dá pelo fato de a força de trabalho feminina ser majoritária na saúde, principalmente na linha de frente do combate à Covid-19, ficando duplamente sobrecarregadas e, dessa forma suscetíveis ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout (VIEIRA; ANIDO; CALIFE, 2022).

Tratando-se de estado civil e prole, o burnout parece ser superior em indivíduos não casados, mesmo que dificuldades em equilibrar o trabalho e família sejam claras em indivíduos casados (VELOSO, 2020). Tais resultados sugerem que os indivíduos casados podem vivenciar sentimentos de responsabilidade na família, bem como suporte emocional, e como consequência uma maior resistência ao burnout, a qual não se aplica à indivíduos solteiros por não terem com quem compartilhar as dificuldades enfrentadas (LIMA; OLIVEIRA; SOUSA, 2020).

Em relação à formação dos entrevistados, observou-se que quase 40% deles possuem 30 anos de idade ou menos, além disso, vê-se que 62,14% apontou que possui apenas a graduação. Ainda se nota que as formações mais comuns são medicina (37,86%) e enfermagem (33,01%). Também é possível observar que 20,39% dos participantes da pesquisa atuam a mais de 20 anos na profissão, enquanto que 35,92% possuem menos que 5 anos de experiência. Quase metade deles apontou uma jornada de trabalho entre 49 e 72 horas por semana, sendo que 43,69% deles atuam tanto no sistema de saúde público quanto privado.

O fato do burnout ser mais prevalente em indivíduos com menos anos de experiência de trabalho e também mais jovens se confirma à medida que a maior experiência profissional contribui para um melhor controle em lidar com situações de estresse e ansiedade, além de dar a esse profissional maior capacidade de resolução de problemas e confiança, enquanto profissionais menos experientes apresentam maior suscetibilidade à angústias quando colocados sob pressão (SOARES *et al.*, 2022).

Além disso, parece haver maior risco de adoecimento em indivíduos com jornadas laborais extensas, o que pode ser explicado pela diminuição do tempo disponível para descanso, lazer e convívio familiar, além do maior tempo de exposição aos fatores de adoecimento localizados no ambiente de trabalho (SOUSA *et al.*, 2020, tradução nossa).

Quanto a avaliação do nível de Burnout, 80 dos 103 entrevistados (77,67%) apresentaram pontuação de exaustão emocional igual ou superior a 2,25 pontos, classificada como alta, enquanto que para o distanciamento do trabalho, 77 entrevistados (74,76%) obtiveram pontuação igual ou superior a 2,1 pontos, que é o valor de corte para uma classificação alta no domínio. Considerando a combinação entre as duas classificações, destaca-se que apenas 16,51% dos entrevistados não possuem Burnout, 8,74% possuem apenas esgotamento, 6,83% possuem apenas distanciamento, enquanto a grande maioria (68,93%) possui Burnout.



Indivíduos que trabalham em UTI já foram estudados mesmo antes da COVID-19. Em análise realizada com membros da equipe médica e de enfermagem em unidades de terapia intensiva e anestesiologia na Alemanha demonstrou que a equipe de enfermagem foi a mais afetada com problemas mentais relacionados ao trabalho (SCHÄFER *et al.*, 2018).

Em cenários de pandemia, percebe-se que a saúde mental e resiliência desses trabalhadores pode ser melhorada por meio de mudanças de hábitos no ambiente de trabalho, suporte das necessidades básicas diárias, assistência psicológica, uso de medicamentos, ou até mesmo uma combinação de todos esses fatores. Além disso, o fornecimento de informações e treinamento adequados a esses trabalhadores também é visto como uma estratégia fundamental (POLLOCK *et al.*, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi possível verificarmos que, considerando o contexto da pandemia da Covid-19, que os profissionais da saúde, especialmente as mulheres, foram submetidos ao desgaste não apenas laboral, mas também psicológico. Diante do estresse crônico causado pelo contexto inserido observou-se fazendo a correlação proposta pelo estudo que os profissionais que apresentam baixa capacidade de manejo do estresse tendem à maior exaustão diante de sua profissão, ou seja, desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

Vale ressaltar que a partir de 1 de janeiro de 2022, no período de desenvolvimento do presente estudo, a Síndrome de Burnout passou a ser reconhecida como doença ocupacional pela Organização Mundial da Saúde, o que reflete na importância de desenvolvimento estudos, ações e implementação de políticas de saúde na tentativa de preveni-la.

REFERÊNCIAS

MAZZA, Solange de Cassia Maranhão. **Senso de coerência e Locus de Controle e sua relação com a qualidade de vida de trabalhadores qualificados**. 2015. 149 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15409/1/Solange%20de%20Cassia%20Maranhao%20Mazza.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NASCIMENTO SOBRINHO, Carlito Lopes *et al.* Médicos de UTI: prevalência da síndrome de burnout, características sociodemográficas e condições de trabalho. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 106-115, mar. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-55022010000100013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/m4kTSzMd4pLkDwtq9xVV9Fn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 set. 2021.

POLLOCK, Alex *et al.* Interventions to support the resilience and mental health of frontline health and social care professionals during and after a disease outbreak, epidemic or pandemic: a mixed methods systematic review. **Cochrane Database Of Systematic Reviews**, [S. l.], v. 2020, n. 11, p. 1-164, 5 nov. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1002/14651858.cd013779>. Disponível em: <https://www.cochranelibrary.com/cdsr/doi/10.1002/14651858.CD013779/full>. Acesso em: 21 jul. 2022.



SCHÄFER, Sarah K. *et al.* Mental Health in Anesthesiology and ICU Staff: sense of coherence matters. **Frontiers In Psychiatry**, [S. l.], v. 9, n. 440, p. 1-11, 19 set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.3389%2Ffpsyt.2018.00440>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6156425/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SCHUSTER, Marcelo da Silva; DIAS, Valéria da Veiga. Oldenburg Burnout Inventory - validação de uma nova forma de mensurar Burnout no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 553-562, fev. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018232.27952015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/DsJjWhKtqPxtsspbgSBz3jk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SOARES, Juliana Pontes *et al.* Fatores associados ao burnout em profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19: revisão integrativa. **Saúde em Debate** [online]. v. 46, p. 385-398, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E126>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/ZsVfhVZVNhw5c3qrfzDTh4H/>. Acesso em: 23. jun. 2022.

SOUSA, Kayo Henrique Jardel Feitosa *et al.* Factors related to the risk of illness of nursing staff at work in a psychiatric institution. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 28, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.3454.3235>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/VsJCJPF3kXRWGbM7xXncdGM/?lang=en>. Acesso em: 4 jul. 2022.

SPEARMAN, C. **The Proof and Measurement of Association between Two Things**. *The American Journal of Psychology*. 15.1: 72-101, 1904.

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza *et al.* A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 25, n. 9, p. 3465-3474, set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6J6vP5KJZyy7Nn45m3Vfypx/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VELOSO, Rita Sofia da Silva. **Burnout nos profissionais de saúde durante a pandemia COVID-19**. 2020. 79 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2020.

VIEIRA, Julia; ANIDO, Isabela; CALIFE, Karina. Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas?. **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 46, n. 132, p. 47-62, mar. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104202213203>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3trZqtP9WXXBcJ5WYzPzbKJ/?lang=pt>. Acesso em: 4 jul. 2022.